

# Nélson Pereira critica racha ruidoso

Cineasta lamenta divisão entre defensores da participação do Estado no fomento ao cinema e os neoliberais

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

O cineasta Nélson Pereira dos Santos transformou sua aula magna no Instituto de Artes da UnB, na manhã de ontem, numa generosa discussão sobre o momento vivido pelo cinema brasileiro. Um momento — explicou — "em que se antagonizam dois grupos, um, que detém parceria com o governo (no qual me incluí) e outro, que prefere o modelo neoliberal, ou seja, quer ver os recursos legais orlados dos cofres da extinta Embrafilme na mão de distribuidoras privadas".

Sem dar nomes aos partidários dos dois grupos, Nélson lembrou que "o cinema brasileiro é múltiplo". Só no Rio — acrescentou — "há dezenas de associações profissionais: a Abraci (Associação Brasileira de Cineastas), a ABPC (de produtores de Cinema), a ABRC (Roteiristas Cinematográficos), os Sindicatos de Indústria, dos Atores e Técnicos, e dos Trabalhadores de Cinema; a Rais (Associação de Realizadores e Autores de Imagem e Som) e a ABD (Associação Brasileira de Documentaristas)". Tão amplo estro de entidades representativas — postulou — "nos leva a ver cada cineasta como um partido político". Na realidade porém — assegurou — "o cinema brasileiro continuou existindo e sua relação com o Estado evoluiu, pelo menos até chegar ao momento atual, quando o Neoliberalismo se impôs e, de forma abrupta, extinguiu a Embrafilme e com ela toda a legislação que disciplinava o mercado cinematográfico brasileiro".

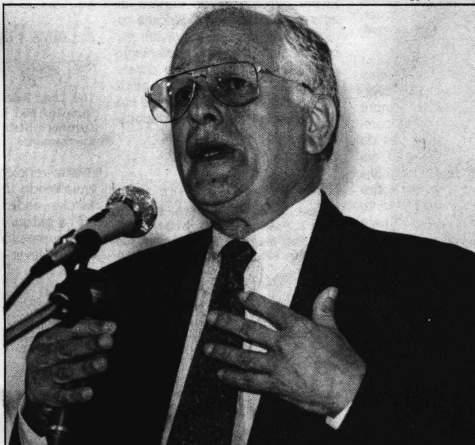
**Espectáculo** — Nélson lamentou que a discussão entre os defensores da participação do Estado no fomento ao cinema e os que abraçaram o discurso neoliberal tenha chegado ao público como "um racha espetaculoso".

Embora Nélson prefira não citar nomes, sabe-se que Luiz Carlos Bar-

reto e Arnaldo Jacob (e, em parte, Cacá Diegues) estão preocupados com a transferência de Cr\$ 20 bilhões, herança da finada Embrafilme, para a Secretaria de Cultura da Presidência da República. Eles temem que o braço cultural do Governo Collor se transforme em guichê distribuidor de migalhas para a produção, deixando de fora uma atividade fundamental, a distribuição. Nesta linha atua a Rais (Associação de Realizadores e Autores de Imagem e do Som), presidida por Miguel Farias Jr. Ele concluiu seu filme *Stelinha* e não conseguiu colocá-lo no mercado. Já que a distribuidora da Embrafilme foi extinta, Além do mais — postula este grupo — sem a Lei do Audiovisual, aprovada pelo Congresso no final do ano passado (tendo depois, vários artigos vetados pelo presidente Collor) o cinema brasileiro não dispõe de respaldo para reconquistar um terço do mercado (fatia que ocupou no anos 70).

**Perigo no ar** — Nélson, um eterno simpatizante do Partido (Partido Comunista Brasileiro) também defende a Lei do Audiovisual, mas não se deixa "seduzir" pelo canto da serena neoliberal. "A História nos mostra" — lembrou ao auditório abarrotado que o ouviu e aplaudiu — "que as distribuidoras estrangeiras não estão interessadas em financiar filmes brasileiros. Elas querem, isto sim, financiar filmes falados em inglês e com atores estrangeiros nos principais papéis". Porque, então — pergunta — devemos pegar os recursos da extinta Embrafilme, que são públicos, e privatizá-los?

Para da maior consistência ao seu discurso, Nélson lembrou que, no final dos anos 60, as distribuidoras estrangeiras foram estimuladas a investir aqui parte de suas remessas de lucro, em troca de incentivos fiscais. "Só que" — testemunhou — "o único distribuidor interessado em produzir nossos filmes foi o baiano Veneslau Verde, da *Corador Films*.



Carlos Jacobina

**Nélson Pereira: "Até nos EUA, Estado ajuda o cinema"**

"A Metro e as outras grandes distribuidoras norte-americanas não quiseram saber de produzir nossos filmes", garante o reaclador de *Vidas Secas* e *Memórias de Cárcere*. E busca, na História, outro exemplo significativo: "Vejam o caso da Vera Cruz, empresa cinematográfica criada pela burguesia paulista e que, ingenuamente, anunciava em seus letreiros — Do Planalto Paulista para as Telas do Mundo. Só que, sem condições de distribuir seus filmes, repassou-os, primeiro à Universal e depois à Columbia. Resultado, não encontrou no mercado dominado pelo filme estrangeiro, a correspondência de público para suas produções. Foi-se esvaindo. Quando, em 1954, realizou seu filme mais popular e importante (*O Cangaceiro*, de Lima Barreto) estava afundada em dívidas".

Para não incorrer nos erros que a História registra, Nélson defende

parceria dos cineastas com o Estado. "Até nos EUA a indústria do audiovisual recebe apoio do Governo. Na Europa, a experiência neoliberal praticamente inviabilizou o cinema. Foi assim na Inglaterra, na Alemanha, na Itália. Porque haveria de ser diferente no Brasil?" Por pensar assim, Nélson defende, com entusiasmo, a transferência dos recursos da extinta Embrafilme para a Secretaria de Cultura. "Felizmente" — assegurou — "o secretário Sérgio Rotundo compreendeu que o cinema recebe apoio do Estado nos mais diversos países do mundo. E vem se mostrando disposto a ajudar no que for possível". Aos 63 anos, Nélson continua acreditando firmemente num cinema nacional, falado em português, com temas recolhidos em nossa História e Literatura. Apesar dos desencorajamentos oficiais, ele acredita que a missão dos diretores brasileiros é colocar a realidade nacional nas telas.

## Flashs

□ Nem tudo são flores na III Semana Universitária. Na manhã de ontem dezenas de pessoas foram surpreendidas com uma péssima notícia, o diretor da Fundação Riquete Pinto, Walter Clark, não veio a Brasília participar do seminário UnB no Ar — *O que Você Quer Ver na TV UnB?* por motivo prosaico. Da mesma falaram os recursos financeiros para cobrir o custo das passagens dos convidados e por isto, o seminário foi adiado para data "ainda a ser definida".

□ Já o Auditório do Departamento de Música teve sua lotação esgotada. Cineastas como Vladimir Carvalho, Guido Araújo, Pedro Jorge, Geraldo Sobral, Augusto Ribeiro Jr, Marcos Mendes, o artista plástico Athos Bulcão e muitos professores da UnB foram assistir à aula magna de Nélson Pereira dos Santos. Afinal, ele integrou o grupo que fundou a UnB. Dezenas de estudantes também foram conhecer o cineasta que hoje divide-se entre o magistério (na Universidade Federal Fluminense) e a produção e direção cinematográfica.

□ Duas mesas-redondas vão animar, hoje, a Semana Universitária. Como os palestrantes, em maioria, residem em Brasília, não há risco de se repetir a situação verificada ontem, com o adiamento do seminário UnB no Ar. O senador Eduardo Sulyicz e os professores Vicente Faleiros e Eliseu Calsing vão debater o tema *Revista Míthos* (na sala B-485, no Minhocão, às 9h00). Já o tema *Política Salazar e Sindical no Governo Collor* reunirá Rosane Maia, do Dieste; Melitina Amaro, do Ministério de Economia; Ulisses Riedel, do Diap, o dirigente sindical Luiz Fernando Campos e o deputado federal Chico Vigilante (no Auditório da Faculdade de Comunicação, às 10h00).

□ Com a abertura dos arquivos da AS (Assessoria de Segurança e Informação) da UnB pelo professor Ibarbete, cresce o interesse pelo passado da Universidade. O Departamento de História reúne, hoje, dois ex-alunos, que darão seus depoimentos sobre "A UnB e Minha Época". Alê Salassé e Rubens Câmara vão falar na sala de reuniões do Departamento de História, no Minhocão.

□ O arquiteto João Filgueiras Lima, o Lelé, vai abordar, na palestra *Pré-Fabricação na Arquitetura*, seus projetos para os Ciaes (os "Ceeps" de Collor), o Hospital Sarah Kubitschek (HMD), na sala seis do Instituto de Arquitetura.